

EL EXTRAÑO VIAJE / 1964

Um filme de FERNANDO FERNÁN-GÓMEZ

Realização: Fernando Fernán-Gómez / **Argumento:** Manuel Ruiz Castillo e Pedro Beltrén, baseado numa ideia original de Luis García Berlanga / **Fotografia:** José F. Aguayo / **Direcção Artística:** Sigfrido Burmann / **Décor:** Tomás Fernandez / **Música:** Cristóbal Halffter / **Canções:** “El Reloj” de Roberto Cantoral; “De Madrid y de Sevilla”; “Especial Bugui”, “Baile en el Casino” e “Galli-Galli” de Juanito Sanchez e fragmentos das zarzuelas “El Huésped del Sevillano” de Jacinto Guerrero e “La Canción del Olvido” de José Serrano / **Som:** Felipe Fernandez e Jesús Ocaña / **Montagem:** Rosa Salgado / **Interpretação:** Carlos Larrañaga (Fernando), Lina Canalejas (Beatriz), Rafaela Aparicio (Paquito Vidal), Jesús Franco (Venancio Vidal), Tota Alba (Ignacio Vidal), Sara Lezana (Angelinas), Luis Marín (o chefe da banda musical), Maria Luísa Ponte (a dona da loja), etc.

Produção: José López Moreno e Francisco Molero para IZARO FILMS e PRO-ARTIS IBERICA / **Cópia:** da FILMOTECA ESPAÑOLA, em 35mm, preto e branco, falada em castelhano e legendada eletronicamente em português / **Duração:** 92 minutos / **Estreia Mundial:** Madrid, 15 de Setembro de 1969 / **Inédito comercialmente em Portugal.** Exibido pela primeira vez em Portugal, pela Cinemateca Portuguesa, a 25 de Maio de 1995.

Quando, em 1995, para comemorar o centenário do cinema, a Cinemateca programou, lado a lado com 60 grandes clássicos da História do Cinema, 60 filmes mais ou menos esquecidos mas, na sua invulgaridade, tão iluminadoras dessa História como os marcos de referência habituais, programámos **El Extraño Viaje** de Fernando Fernán-Gómez. Foi uma das “120 Chaves para a História do Cinema”, como chamámos a esse Ciclo.

Muitos se espantaram, já que o filme era genericamente desconhecido e Fernán-Gómez não o era muito menos. Uma nova descoberta, um novo talento, perguntaram irónicos. Tudo menos isso. Mas se em Espanha Fernán-Gómez é uma celebridade, em Portugal, pouca gente conhece este homem de 82 anos, nascido que foi em 1921, apesar das 23 longas-metragens que dirigiu entre 1953 e 1994. E apesar de - mas quem se lembra? - ter tido o Prémio Especial do Júri na Figueira da Foz em 1986 com **Mambrá se fue a la Guerra**. Nesse ano ganhou também o Prémio Goya para **El Viaje a Ninguna Parte**. E apesar da celebridade mundial desses dois filmes, é bem provável que muitos o conheçam melhor como actor, dos muitos filmes que fez com Saura, Erice, Gutiérrez Aragón ou Jaime de Armiñan. Poucos terão sequer registado que em 1995 foi o cineasta espanhol que ganhou o mais reputado prémio artístico de Espanha: o Prémio Príncipe das Astúrias.

E contra Fernán-Gómez, muito ao contrário, não pesam ajustes de contas políticos, como no caso de Mur Oti. Nunca serviu o franquismo e foi vítima dele. **El Mundo Sigue**, filme imediatamente anterior a este (1963), nunca foi distribuído, por razões políticas. **El Extraño Viaje** jazeu cinco anos nas latas e só em 1969 se estreou, para ser votado - finalmente - como “melhor filme espanhol” desse ano. Duvido que a censura por cá, mesmo em 1969, o tivesse deixado passar.

E não estou aqui a armar aos cucos ou a saberes que não tenho. Só em 1995 vi **El Extraño Viaje** e não conheço nenhum outro filme de Fernán-Gómez. Na Cinemateca, o autor de **El Mar y el Tiempo** (1989) só dessa vez pôs o pé. O realizador e o seu mundo podem irritar às vezes, parecer excessivos outras, lembrar demasiado predecessores ilustres muitas mais, mas ninguém negará (estou certo) que este filme é filme de um senhor cineasta que merece tudo menos desatenção.

Começo pela questão dos mestres. À cabeça, e como é evidente, Buñuel. Mas Buñuel é como Borges dizia de Kafka. Chama-se hoje “buñueliano” a muita coisa que já existira antes e existirá depois e que se pode reenviar à famosa e mítica “alma espanhola”.

A galeria de monstros (a família Vidal), as obsessões fetichistas, que contaminam todos os personagens desde a rapariga do bikini dona da loja, desde Fernando a Beatriz (que se conheceram por causa da roupa de baixo), desde Ignacio a Venancio (aquela espantosa orgia quando se julgam desembaraçados da irmã), desde Venancio a Paquito e a nocturnas e clandestinas sequências de travestismo. E a “Espanha real” que cerca esses insólitos protagonistas, com o povo daquela terra (Loeches) como imagem da repressão sexual e social, espreitando e amando o vício, tanto quanto bramindo, em palavra negra, contra ele. E mais do que os celebrados efeitos no macabro caso, conta para mim a sequência da prova do vinho, (“o melhor vinho da região”) até descobrirem que o precioso perfume da última pipa era o perfume que provinha do cadáver putrefacto da sinistra mulher atirada para dentro dela. E se Fernando é incriminado (contra todas as aparências e contra a inocente e loura aparência dele) é-o porque foi o único que se sentiu mal antes da descoberta do cadáver. Se reagiu assim ao deliciar-se com o vinho, foi porque já sabia qualquer coisa, como logo deduz a aldeia em peso. Ninguém pensa numa sensibilidade especial. Todos descobrem uma culpabilidade especial.

Mas não é só Buñuel que paira sobre este filme. É impossível vê-lo sem nos vir à memória outra influência confessa: Hitchcock e **Psycho**. A casa (fabulosa casa) lembra muito a de Norman Bates e quando Fernando travestido irrompe pelo quarto dos irmãos assassinos, com cabeleira e vestido de mulher, o efeito de choque é o mesmo que quando vemos Anthony Perkins com a cabeleira e as roupas da mãe. E há os pássaros embalsamados, a fixação nos horríveis progenitores (os retratos dos pais na parede) e aquele quadro com o verso que diz que se deixarmos a luxúria um mês, ela nos deixará por três. Mas Hitchcock e Buñuel eram primos co-irmãos, e por alguma razão tanto gostavam um do outro. Fernán-Gómez não baralhou influências, juntou ramos de árvores igualmente genealógicas.

Mas o que eu mais gosto, neste filme, são as rupturas de tom. Ao princípio, quer na praça, quer naqueles elaboradíssimos movimentos de câmara (*travelings* e panorâmicas) que nos descobrem o recinto do baile e a assistência, parece-me estar num filme italiano dos fins dos anos 50, anos 60, quando gente como Ferreri ou Bellocchio (cujos melhores filmes são, aliás, posteriores a este) começou a carregar expressionística e barrocamemente as tintas do realismo “*Lo que puede el vicio*”, diz enojada a dona do armazém, ao ver os pares a dançar o *rock* que em 1964 chegava à província espanhola. E segue-se a panorâmica que vai até à rapariga que exhibe mais saudavelmente esse “vício” e depois nos leva, pela primeira vez, na noite da intermitente trovoadas, à casa dos Irmãos Vidal.

Do realismo a traço grosso, passamos, sem corte, ao grotesco mais descabelado, quando vemos e gordíssima Ignacia e, depois, o irmão, interpretado pelo realizador Jesús Franco, em óbvia homenagem e decalque de Peter Lorre.

E essa delirante noite - em que a trovoadas parece afastar-se e voltar, sem qualquer conotação realista - é a noite que no fim, no longo *flash-back*, correspondente à narração de Fernando, é virada do avesso para vermos tudo o que os irmãos não viram e conhecermos a dupla vida de Paquito.

A partir daí, a ruptura de tom é uma constante do estilo do filme, sempre a fazer-nos entrar e sair na “casa assombrada”, para juntar esta a personagens (Beatriz, Fernando) que mais mentira menos mentira (a história do irmão paralítico) mais excesso menos excesso (Beatriz vestindo-se de noiva em prazeres solitários) nos pareciam, ao pé dos outros, atrozmente honestos. É só no fim do filme que percebemos que a fragmentação não é gratuita, para que metendo Fernando na história, lhe dê, desde o início o lugar que lhe cabe nela. Se Fernando aparece, em aparente despropósito, é porque Paquito só pensa nele. E se de Fernando passamos à casa, é porque dessa casa ele já era visita constante, embora ignorada.

E é assim que, com a progressão do tema, descobrimos o pretexto daquela sequência no campo em que Fernando canta a Beatriz a zarzuela que fala da “*mujer primorosa, clavelliñe*”. O que parece citação irónica do paroxismo do cinema espanhol da década precedente (o *décor* real, a voz “charmosa”) revela a obsessão e as taras do protagonista, com a zarzuela a funcionar, contra o *rock*, como experiência paradigmática da perversidade.

E se se pode objectar ao lado *whodunit* do filme, com revelação condensada num *flash-back* demasiado explicativo, é magistral a cumplicidade crescente que durante a confusão se estabelece entre Fernando e o magistrado de bengala, como se aquela história fosse afinal “fantasma” de todos e todos se assumem com o “somos todos uno” do coro dos velhos. E ninguém escapa ao excesso de crueldade de Fernán-Gómez: a menina do *bikini* acaba puta, Beatriz reserva-se para princesa cada vez mais solitária, Fernando é fraco, os irmãos morrem todos, afogados não em *pepermint*, mas em vinho e champanhe.

E, para acabar cito Miguel Marias nestas exactas palavras: “*El Extraño Viaje* é um filme realizado dentro do mais vulgar da nossa mediocricíssima indústria, mas que apesar da sua singeleza, da sua clareza, da sua pobreza, do seu lado torpe e sujo, e da sua pouco brilhante fotografia, constitui o produto mais positivamente ‘monstruoso’ e a mais admirável ‘aberração’, já saídos do nosso cinema (...) É um filme que se distinguiu, acima de tudo pela sua espontalidade, ou, se se preferir, pelo seu ‘mesetarismo’, a tal ponto que, se me pedirem que citasse um só filme que representasse o que o cinema espanhol podia ter sido, não hesitava em escolher esta obra. Obra que nunca poderia ter sido feita em qualquer outro país, que nunca pretende situar-se a um hipotético ‘nível europeu’ e em que tudo e cada um dos elementos que a formam provém directamente da realidade espanhola, das suas tradições, plásticas e dramáticas”.

JOÃO BÉNARD DA COSTA